

in NICO, B. (1996). "A identidade vocacional em alunos universitários: um estudo de caso". in Albano Estrela et al (Orgs.). *Formação, Saberes Profissionais e Situações de Trabalho – Atas do VI Colóquio Nacional da AIPELF/AFIRSE*. Lisboa: Universidade de Lisboa. pp. 105-116.

A IDENTIDADE VOCACIONAL EM ALUNOS UNIVERSITÁRIOS: UM ESTUDO DE CASO

José Bravo Nico

Universidade de Évora

1. A realidade

Na última década, a Universidade portuguesa viu-se confrontada com um número cada vez mais elevado de discentes, cujo principal objectivo não será propriamente a capacitação para a produção do saber, mas tão somente a procura de uma informação cada vez mais indispensável à sua participação nos projectos colectivo de sociedade e individual de realização pessoal e profissional. O mundo universitário português, outrora restrito e elitista, tem vindo a assumir características massificantes, as quais têm vindo a transformar, lenta mas inexoravelmente, as atitudes, os comportamentos, as normas e, inclusivamente, o estatuto da instituição e dos seus membros.

Na realidade, o extraordinário incremento da competitividade, no contexto profissional das sociedades modernas, potenciou nos indivíduos e nas instituições a necessidade de incorporarem no seu património um novo capital: o capital humano. Este facto poderá, eventualmente, explicar que a obtenção de um diploma continue a ser um objectivo primordial para um crescente número de indivíduos, pese embora a desvalorização dos títulos académicos no mercado de trabalho (JAROUSSE, 1984, p.192). Efectivamente, qualquer que seja o seu valor do ponto de vista profissional, os diplomas valem

situação de crescimento quase exponencial que se verificou na frequência do ensino superior em Portugal, nos últimos anos:

i) **factor político**, que se traduziu numa série de decisões de cariz essencialmente político, que tinham e têm como principal objectivo aproximar as taxas de frequência do ensino superior português, das taxas verificadas nos restantes países da União Europeia;

ii) **factor sócio-económico-profissional**, que se identifica na taxa de retorno que a frequência do ensino superior gera. Retorno de investimento não só cultural, mas principalmente profissional e social;

iii) **factor geográfico**, que se consubstancia no facto de, actualmente, existirem estabelecimentos de ensino superior em todos os distritos de Portugal, um panorama bem distinto do que se verificava há apenas vinte anos. A educação superior aproximou-se geograficamente do local de origem dos alunos o que, no plano económico-familiar, teve uma influência muitas vezes determinante na opção de prosseguir os estudos, após a concretização do ensino secundário;

iv) **factor concorrencial**, que decorre da nova realidade do ensino superior português, na qual competem em autêntico regime de mercado, instituições de ensino públicas e privadas ;

v) **factor não selectivo**, consequência do facto de, actualmente, a oferta de ensino superior se aproximar vertiginosamente da procura, o que acarreta o acesso virtual a praticamente todos os candidatos;

vi) **factor familiar**, que resulta de um aumento global dos rendimentos da generalidade das famílias portuguesas, nas últimas duas décadas, o que permitiu evitar, em alguns casos, o desvio precoce do jovem para a actividade produtiva.

O igualitarismo, que se tem vindo a verificar no acesso ao ensino superior português, terá, como é óbvio, algumas causas e consequências. A principal origem da radical alteração, verificada na política educativa em geral e no ensino superior em particular, encontrar-se-á inevitavelmente num novo projecto social. A geneologia entre escola e sociedade tem sido, aliás, um facto irrefutável desde sempre. Daí que comunguemos do pensamento de JACQUES ARDOINO (in POSTIC, 1984, p.30), o qual refere que nunca poderá ocorrer uma mudança real da escola e dos mecanismos de formação sem que um projecto de uma nova sociedade lhe venha dar sentido, pois não é possível conceber uma mudança social profunda sem se concederem os meios adequados para uma educação apropriada à sua promoção. É, pois, neste despontar dos novos projectos social e educativo que a Universidade portuguesa se encontra.

Uma das consequências traduzir-se-á, inevitavelmente, numa redefinição do papel da instituição universitária, na sociedade portuguesa do presente e do futuro. Concordamos de certa forma com GIROD DE L'AIN e LICHNEROW (1970, p.18) quando estes afirmam que, além da sua missão positiva, traduzida na formação dos indivíduos, a Universidade está inconscientemente encarregada pela sociedade, duma nova e negativa função: a de conservar os jovens o maior tempo possível fora do circuito produtivo. O aumento generalizado que se verificou no número de anos lectivos necessários para se conseguir um diploma e a proliferação, nem sempre criteriosa, a que se assiste

actualmente de propostas de graduação (e pós-graduação) constituem, eventualmente, uma das provas de tal afirmação.

Assoberbada pela explosão que constituiu o acesso de dezenas de milhar de jovens às suas salas de aula, a Universidade portuguesa tem patenteado uma clara falta de sensibilidade para esta nova realidade. De facto, tem continuado a dedicar uma ínfima parte dos seus recursos e uma fracção insignificante da sua actividade de investigação ao estudo da teoria e da prática do seu próprio funcionamento, na dimensão lectiva. Efectivamente, parafraseando MADERO (in BIREAUD, 1990, p.11), a pedagogia universitária não é um objecto de pesquisa muito frequente. No entanto, como já apontava o relatório da O.C.D.E. já citado, a crescente orientação instrumentalista, que o cada vez maior número de estudantes evidencia, reflecte-se nos temas de muitas das actuais discussões acerca do papel e das funções da Universidade. Evidentemente que se nos interrogarmos relativamente às novas missões da Universidade, teremos de prolongar esse exercício de reflexão, até ao questionamento de duas outras novas realidades: o docente e o discente universitários. Não poderemos deixar de afirmar que, na nossa opinião, as características de um e de outro são substancialmente diferentes daquelas que evidenciavam ainda há bem poucos anos. Iremos dedicar a nossa atenção ao último dos protagonistas referenciados.

I. 1- O aluno universitário

O perfil do aluno universitário tem conhecido constantes alterações, as quais resultam não só do acesso à Universidade de indivíduos oriundos de todos os estratos socio-económicos, como também da redefinição, já mencionada, do papel e função da Universidade, no presente. Não será,

certamente, fácil traçar o perfil padrão dos alunos que acedem às Universidades portuguesas, hoje em dia. Oriundos, geograficamente, de todo o país, socialmente, de todas as camadas, apresentando, do ponto de vista académico, uma amplitude desmesurada de classificações de entrada, encarando a Universidade sob as mais diversas perspectivas e encerrando projectos de vida por vezes muito diferentes, os alunos universitários debutantes constituem uma população bastante heterogénea, bem diferente da elite que chegava a esta instituição, ainda há poucos anos. Apesar destas transformações, há traços que se mantêm, não pertencendo ainda ao passado a caracterização proposta por DIONÍSIO FUERTES (in NÉRICI, 1967, p.57). O aluno universitário caracterizar-se-ia por ser:

"jovem que se situa, na sua maioria, na faixa de idade entre os 18 e 25 anos e que, nas suas linhas gerais, é o seguinte:

- 1- Emocionalmente imaturo e inseguro, mas sumamente cioso de todas as prerrogativas do homem completo que ele aspira ser.*
- 2- Extraordinariamente susceptível e com reacções violentas contra quem intente roubar-lhe essas prerrogativas.*
- 3- Mostra-se, ao contrário, generoso e franco para quem demonstrar respeito por elas.*
- 4- Grande capacidade de entusiasmo, que pode tomar dois rumos:
 - a) aplicar-se aos estudos;*
 - b) desviar-se para outros problemas de maior ou menor importância."**

Interessante e em certa medida actual é a caracterização efectuada por NÉRICI (1967, p. 58), que transcrevemos parcialmente:

- "1- Amadurecimento mais rápido para uma série de funções sociais pois, enquanto o estudante de ontem fugia ou não tinha consciência de várias situações, hoje, ele vai ao encontro delas (...);*
- 2- Abandono do formal pelo funcional. O jovem de ontem procurava a universidade mais para ganhar um título, mas hoje ele procura uma profissão pela qual possa realizar-se pessoal e socialmente;*
- 3- Espírito crítico mais desenvolvido, como fruto de maior escolaridade e maior democratização na vida familiar e social e também como consequência da aplicação de novos métodos de ensino que fazem ênfase no educando;*
- 4- Aspirações para participar na vida social e no futuro da sua própria vida. Assim, aspira a ser participante e não espectador na sociedade (...);*
- 5- Fortes preocupações económicas, profissionais e político-sociais (...);*
- 6- Sente a sociedade como um todo e não mais pela sua classe social ou pelas suas conveniências (...) estão adquirindo uma capacidade precoce mesmo, em ver a totalidade da vida social, libertando-se das atrofias e limitações preconceituais.*
- 7- Desejo de realização (...) criar e não somente copiar ou imitar, daí o seu interesse pela formação científica e pela pesquisa;*
- 8- Aspira à compreensão científica dos fenómenos para neles poder actuar;*
- (...)*
- 10- Desejo de melhores relações com os seus professores, com quem possam discutir seus problemas, suas inquietudes, suas ambições, mas em plano elevado. Espera, na verdade, receber*

orientação. Daí a necessidade de o professor mudar de atitude para com o novo estudante, passando a dialogar e conviver com ele, porque, apesar de toda a aparente auto-suficiência, o jovem está dominado pelas dúvidas e preocupações esperando por quem o compreenda, o esclareça e o oriente, mas com espírito de cooperação e bondade."

Estamos fortemente convictos de que, não obstante a data da caracterização supra-citada, é evidente a sua actualidade relativamente ao contexto universitário português.

A tentativa de determinar o carácter do aluno universitário fez naturalmente brotar algumas propostas de tipologia, de entre as quais salientaremos a de GORDON (in NÉRICI, 1967, p. 60):

"Estudante sem motivo- que não responde com entusiasmo a nenhuma forma de ensino (...) é quase sempre, estudante que ingressa na universidade por empenho dos pais, não sentindo, ele mesmo, nenhum interesse nos estudos (...);

Estudante bem dotado- Caracteriza-se por muita capacidade unida a muita motivação (...);

Estudante autoritário- Aquele que parece preferir a repetição, a memorização em lugar da discussão. Crê (...) que ser bom é ser obediente (...)."

Uma outra proposta de tipologia é avançada pelo próprio NÉRICI (1967, p. 61 e 62):

"1- Estudantes com capacidade, mas sem interesse universitário, uma vez que a sua motivação primordial se encontra fora da universidade;

2- Estudantes sem maturidade sócio-emocional, fazendo da universidade uma continuação do colégio, por isso mesmo mais preocupados com os pontos da matéria e os pontos das notas de que com o conteúdo da matéria ou com as habilidades específicas necessárias para um bom desempenho profissional;

3- Estudantes idosos, sem interesses sociais, científicos ou profissionais maiores, a não ser a satisfação de realizarem um sonho acalentado na juventude, de darem exemplo de tenacidade aos filhos ou mesmo, em atitude de afirmação, para mostrarem que são ainda capazes;

4- Estudantes desajustados nos cursos que escolheram e que não os deixam para não perderem o tempo já empatado (...);

5- Estudantes não-capazes, mas teimando em se formar, porque acham que o curso que estão fazendo corresponde à sua vocação;

6- Estudantes com capacidade e ajustados aos seus cursos e almejando a uma formação profissional eficiente, a fim de, eficientemente, actuarem na sociedade."

Com trajectórias bastante diversificadas, origens socio-económicas de grande amplitude, encerrando ambições distintas e regendo-se por um conjunto de valores pouco propensos a um relacionamento social baseado na empatia e na solidariedade, é perfeitamente natural que os alunos universitários encerrem projectos académico e de vida pouco coincidentes com os dos seus colegas e muitas vezes pouco compatíveis com o curso em que se encontram. Este será, eventualmente, na nossa opinião, o facto mais comum no foro da comunidade discente portuguesa. O mais comum e o mais perverso, pois se virtualmente todos terão acesso ao ensino superior, apenas alguns aí frequentarão o curso que desejavam. Aumentaram-se, concomitantemente, as taxas de frequência do ensino superior e de alunos desajustados (cf. tipologia de NÉRICI). Concordamos, com FUERTES (in NÉRICI, 1967, p.57) quando este afirma que

o facto de muitos estudantes seguirem cursos, que não atendem à sua vocação e aptidões, é outro factor de desvio das finalidades formadoras da Universidade.

2. Um caso feito de muitos casos

A pesquisa que efectuámos tinha como grande finalidade verificar quais tinham sido as consequências, na dimensão vocacional dos indivíduos, da sua entrada na Universidade, bem como caracterizar a opinião destes acerca do papel da orientação vocacional (escolar e/ou profissional) nos seus percursos académicos. O processo de investigação abrangeu uma amostra aleatória de 40 indivíduos que frequentam o primeiro ano de alguns dos cursos de Licenciatura da Universidade de Évora, no ano lectivo 1995/96.

Foram utilizados questionários baseados em questões de resposta aberta, tendo os dados assim obtidos sido alvo de análise de conteúdo.

2.1. A amostra.

Vejamos algumas das características mais importantes da amostra seleccionada:

Quadro 1: Sexo dos respondentes

Feminino	55%
Masculino	45%

Quadro II: Idades dos respondentes

Idades (anos)	% de u.r.
inferior a 20	65
20-25	25
superior a 25	10

Quadro III: Estado civil dos respondentes

Solteiro(a)	90%
Casado(a)	10%

2.2. Os resultados.

Apresentamos, em seguida, os resultados que obtivemos a partir da análise de conteúdo que foi efectuada às respostas constantes do questionário a que responderam os discentes que constituíram a amostra seleccionada. Optámos por apresentar como título dos diferentes quadros a que recorremos, as questões que foram, na realidade, objecto de resposta por parte dos respondentes.

Quadro IV: Qual o momento da sua vida em que tomou uma opção?

	% u.r.
Ensino Básico	31
Ensino Secundário	23
12º ano	46
Totais	100

Como facilmente se pode depreender da análise do Quadro IV, nenhum dos respondentes afirma ter tomado decisões após a frequência do ensino secundário. Foi neste Ciclo de ensino que a maioria dos inquiridos tomou a sua opção académica. Mais à frente, nesta análise, iremos ver que não será bem assim.

Quadro V: Sentiu necessidade de recorrer à Orientação Escolar e Vocacional durante o Ensino Secundário?

	Alunos que frequentam a 1^a opção (% u.r.)	Alunos que não frequentam a 1^a opção (%u.r.)	Totais de todos os alunos (%u.r.)
Sim	33	14	23
Não	67	57	62
Não responde	-	29	15
Totais	100	100	100

Da leitura da informação que se encontra expressa no quadro atrás indicado, verificamos que, apesar da maioria dos respondentes ter afirmado que decidiram acerca das opções a tomar durante o ensino secundário, nem todos aí frequentaram sessões de orientação escolar e vocacional (apenas 25 % dos inquiridos refere ter participado em tal, de acordo com o Quadro VI) o resultado, eventualmente, de não terem sentido necessidade de tal (cf. Quadro V).

Quadro VI: Frequentou sessões de Orientação Escolar e Vocacional enquanto aluno(a) dos Ensinos Básico e Secundário?

	Alunos que frequentam a 1ª opção (% u.r.)	Alunos que não frequentam a 1ª opção (%u.r.)	Totais de todos os alunos (%u.r.)
Sim	31	14	25
Não	69	86	75
Totais	100	100	100

Quadro VII: O curso que frequenta é o que escolheu como 1ª opção?

Sim	65%
Não	35%

De realçar alguns aspectos relacionados com a informação atrás indicada (cf. Quadro VII). Em primeiro lugar, o facto de os alunos que frequentam o curso que escolheram como primeira opção não terem frequentado, na sua maioria, sessões de orientação escolar e vocacional. Em segundo lugar, de referir um aspecto que julgamos ser interessante: todos os alunos que se encontram casados, frequentam o curso que escolheram prioritariamente. Para concluir, um dado que não pode, nem deve, passar sem ser reforçado e que tem a ver com o facto de um terço dos inquiridos não frequentar o curso dos seus sonhos, com todas as consequências vocacionais que daí poderão advir.

Quadro VIII: Pretende mudar de curso?

	Alunos que frequentam a 1ª opção (% u.r.)	Alunos que não frequentam a 1ª opção (%u.r.)	Totais de todos os alunos (%u.r.)
Sim	-	-	-
Não	100	100	100
Totais	100	100	100

Curioso, ou não, o facto de ninguém querer mudar de curso, até porque existe uma satisfação generalizada com a situação presente (cf Quadro IX). Um forte indício de uma séria tentativa de adaptação, por parte de quem não frequenta o curso que mais desejava. Um processo adaptativo que, certamente, se baseia numa decisão assumida já na Universidade, o que contradiz um pouco o que é respondido à questão abordada no Quadro IV.

Quadro IX: Quais as razões porque não pretende mudar de curso?

	Totais de todos os respondentes (%u.r.)
Estar satisfeito com o curso actual	69
Possuir boas perspectivas de saída profissional com o actual curso	31
Totais	100

Quadro X: Possui um conhecimento adequado do plano de estudos e das eventuais saídas profissionais do curso que frequenta?

	Alunos que frequentam a 1ª opção (% u.r.)	Alunos que não frequentam a 1ª opção (%u.r.)	Totais de todos os alunos (%u.r.)
Sim	85	100	90
Não	15	-	10
Totais	100	100	100

Dois dados curiosos a extrair da informação que transparece do Quadro X: o primeiro, que se prende com o facto de 100% dos discentes, que não se encontram no curso da sua eleição, afirmar que conhece bem o plano de estudos do curso que frequenta; ao contrário, 15% dos que frequentam o curso que escolheram como primeira opção referem que desconhecem o referido plano de estudos.

2.3. Em jeito de conclusão

De todos os processos vitais do indivíduo - desenvolvimentos físico, intelectual, emocional, social e vocacional - que suportam o seu desenvolvimento integral (QUESADA e PEREIRA, 1991, p.96), a dimensão vocacional do aluno será, eventualmente, aquela que mais directa e fortemente pode ser afectada, com a sua entrada na instituição universitária. Pressupondo que a entrada na Universidade corresponderá mais à conclusão do que ao início de um projecto, pensamos que tal facto se repercutirá no desenvolvimento vocacional, de quatro formas possíveis:

1- o desenvolvimento vocacional é reforçado positivamente pela entrada na Universidade, uma vez que o aluno ingressou e irá frequentar um curso adequado e compatível com as suas aptidões e projectos académico, profissional e de vida;

2- o desenvolvimento vocacional é estrangulado pela entrada na Universidade, o que ocorre quando o aluno ingressa e frequenta um curso não adequado, nem conciliável com as suas aptidões e projectos;

3- o desenvolvimento vocacional reinicia-se com a entrada na Universidade, quando o debutante afina, com base nas experiências vividas no ensino superior, os seus projectos profissional e de vida;

4- o desenvolvimento vocacional sofre um processo de adaptação às circunstâncias criadas pela Universidade, se o aluno redefine as suas aspirações e reelabora os seus projectos profissional e de vida, tentando dessa forma adaptar-se aos condicionalismos resultantes do acesso e frequência de um curso, que não seria o da sua preferência.

Esta é uma nova realidade, para a qual a Universidade ainda não estará, eventualmente, sensibilizada e que, na nossa opinião, condiciona decisivamente o ambiente que se vive hoje nesta instituição, em Portugal. A considerável variedade de estudantes que, ano após ano, chega ao ensino universitário, precisa de ser recebida e orientada pela Universidade, razão pela qual, esta deverá assumir uma postura concomitantemente séria, simpática e compreensiva. A instituição universitária deverá exibir uma atitude cada vez mais humana e humanizante para com os seus alunos, ajudando cada qual a encontrar o seu caminho na vida. Defendemos, tal como NÉRICI (1967, p.62), a necessidade de existir no âmbito universitário uma nova dimensão: a da

orientação educativa e profissional. A escolha vocacional implica um novo papel para o aluno universitário: o de adulto (QUESADA e PEREIRA, 1991, p.95) e requer a posse de um conhecimento ajustado e realista de si mesmo e dos ensejos que se lhe oferecem numa determinada conjuntura. No entanto, a estrutura escolarizada da vida universitária, em geral, não toma em consideração o estudante como sendo um adulto capaz de tomar decisões e de se auto-dirigir (SAINT BONNE, 1991, p.140). A incapacidade da Universidade em responder às crescentes necessidades dos seus alunos, neste particular e importante domínio, afectará, irremediavelmente, em nossa opinião, a formação do aluno universitário, uma vez que esta só poderá ganhar verdadeiramente sentido, quando puder ser integrada no percurso de vida de cada um (MOREIRA, 1993, p.116). Não será contestável que, neste momento, é perfeitamente notória a adaptação protagonizada por uma larga camada da população universitária, no sentido de amenizar as suas perspectivas profissionais, quer definindo-as por referência ao grupo social de origem de cada indivíduo (MERTON, in POSTIC, 1984, p.49) quer baixando os custos dos seus estudos, nomeadamente reduzindo drasticamente o tempo a eles consagrado (JAROUSSE, 1984, p.193). Talvez agora já não nos surpreenda tanto que o hedonismo, o sucesso conformista e o individualismo, sejam, entre outros, valores que caracterizam a comunidade discente universitária (MENEZES e PAIVA CAMPOS, 1990)

Referências bibliográficas

- BALCELLS, Jaime e MARTIN, José Luís (1985), Os métodos no Ensino Universitário, Lisboa, Livros Horizonte.**
- BIREAUD (1990), Les méthodes pédagogiques dans l'enseignement supérieur, Paris, Les Éditions d' Organization.**
- BOBASCH, Michaela (1988), " Les universités d'été à l' heure du bilan: les professeurs des élèves exigeants", Le Monde de L'Éducation, Novembre, pp. 21-24.**
- DEBBASCH, Charles (1971), L' Université Désorientée, Paris, P.U.F.**
- GIROD DE L'AIN, B. e LICHNEROWICZ, A. (1972), " Formation initiale et formation ultérieure - L' allongement démesuré des études supérieures, obstacle majeur à l' éducation permanente", in B. GIROD DE L' AIN (ed.), Vie active et Formation Universitaire - Actes du Colloque d' Orleans, Novembre, Paris, Dunod, pp. 15-29**
- INCIYAN, Erich (1988), " Plus proche des étudiants", Le Monde de l' Éducation, Novembre, pp. 60-66.**
- JAROUSSE, J. P. (1984), " Les contradictions de l' Université de masse, dix ans après (1973-1983)", Révue Française de Sociologie, XXV, pp.191-210.**
- MENEZES, I. COSTA, M. e PAIVA CAMPOS, B. (1989), " Valores de estudantes universitários", Cadernos de Consulta Psicológica, nº5, pp. 53-68.**

NICO, J.B. (1995), A Relação Pedagógica na Universidade: ser-se caloiro, [dissertação apresentada à Universidade de Lisboa, tendo em vista a obtenção do grau de Mestre em Ciências da Educação], Lisboa, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Lisboa.

NÉRICI, I. (1967), Metodologia do Ensino Superior, S. Paulo, Ed. Fundo de Cultura.

MORA RUIZ, José (1989), " La demanda de education superior: una révision de estudios empíricos", Revista de Educacion, nº288, pp.351-375.

O.C.D.E. (1987), Que futuro para as Universidades, Lisboa, Edição do Ministério da Educação.

POSTIC, Marcel (1984), A relação pedagógica, Coimbra, Coimbra Editora.

QUESADA, M. e PEREIRA, M. (1991), " Algunas actitudes y comportamentos de la tarea de especificación en el desarrollo vocacional de estudiantes universitarios", Revista Educacion de la Universidad de Costa Rica, vol.15(1), pp. 95-103.

SAINT-BONNE, M. (1991), " Acerca de la integration de estudiantes, profesores y comunidad", Revista Educación de la Universidad de Costa Rica. nº15(1), pp. 139-145.

STERN, Milton (1992), " La nouvelle majorité: une population d' étudiants plus âgés et son incidence sur l' université d' aujourd'hui", Gestion de l' enseignement supérieur, vol. 4, nº1, Mars, pp.15-31

WILLIAMS, Gareth, (1978), Ver's l' éducation permanente: un rôle nouveau pour les établissements d' enseignement supérieur", Paris, U.N.E.S.C.O.